

Botijões para GLP, tanques para combustível,
rodas esportivas, zincagem a fogo.

Mangels
Empresa 100% Brasileira

CONSTITUINTE

Prisco Viana diz que Sarney quer mandato de cinco anos

por Mariângela Hamu
de Brasília

O ministro da Habitação e Urbanismo, Prisco Viana, admitiu ontem a este jornal, na condição de um dos principais assessores políticos do Palácio do Planalto, que, na fase das disposições transitórias, que definirão a duração do mandato do atual presidente da República, a Assembleia Nacional Constituinte poderá dar um mandato de seis anos ao presidente José Sarney. Ele ponderou, porém, que o presidente já manifestou publicamente a sua intenção de permanecer "apenas cinco anos à frente do governo".

A aprovação de um mandato de seis anos para o

presidente Sarney é uma possibilidade, mas remota — segundo entendem especialistas no assunto como o deputado Eraldo Tinoco (PFL-BA). Ela seria possível somente se, além de aprovar o texto do "Centrão", na fase das disposições transitórias que começa daqui a um mês, a Constituinte rejeitasse qualquer destaque propondo quatro anos.

O texto do "Centrão" — grupo suprapartidário de tendência conservadora — será votado em primeiro lugar e nada diz sobre a duração do mandato. Aproveado esse texto, a Constituinte teria de examinar destaques propondo um mandato de quatro anos. Além disso, terá de votar a emen-

da do deputado Matheus Iensen, que propõe, por inspiração do Palácio do Planalto, um mandato de cinco anos para o presidente Sarney.

É grande a possibilidade de aprovação tanto do texto do "Centrão" quanto da emenda Iensen, pois o governo já demonstrou, em ocasiões anteriores, que tem poder de fogo para tanto. Supondo que esse mesmo governo queira agora, depois das vitórias conquistadas na votação do sistema de governo e na duração do mandato dos sucessores de Sarney, aprovar seis anos de mandato para o atual presidente, seria necessário que ele próprio patrocinasse a retirada da emenda Iensen.

Retirada a emenda Iensen, a Constituinte teria de votar, em seguida, o texto já aprovado pela Comissão de Sistematização, propondo um mandato de quatro anos para o presidente Sarney. Derrotando essa emenda, como derrotou emendas semelhantes, anteriormente, o governo poderia, então, começar a contar com a possibilidade de fixar o mandato do presidente Sarney em seis anos.

É que — segundo entendem juristas consultados por este jornal —, se for aprovado primeiro o texto do "Centrão", se for retirada

da a emenda Iensen, e se for derrotado o texto da Sistematização, fica valendo o que está escrito na atual Constituição, pois o texto do "Centrão" nada diz sobre a duração do mandato do presidente Sarney.

Há cerca de um mês, o consultor-geral da República, Saulo Ramos, admitiu a este jornal que, se o governo e o grupo que se opõe a suas teses na Constituinte não se entendessem e a questão do sistema de governo caísse no chamado "buraco negro" (quando nenhuma das partes conseguisse maioria para aprovar sua emenda), valeria o texto da atual Constituição. O mesmo princípio, segundo ele, valeria para as indefinições da fase das disposições transitórias.

O próprio Viana admite essa possibilidade, embora com a cautela de político experiente: "Se o texto do 'Centrão' for aprovado e se, além disso, um destaque propondo quatro anos for rejeitado, o mandato do presidente Sarney fica sem definição", afirma. Viana lembra, porém, que o governo quer um mandato de cinco anos.

"O mandato com o qual se comprometeu o presidente é de cinco anos, mas se a Constituinte quiser mudar isso para quatro ou para seis, aceitaremos", afirma o ministro.

Newton Cardoso diz que é contra proposta de 6 anos

por Adriana Vera e Silva
de São Paulo

O governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, disse ontem em São Paulo ser contrário ao mandato de seis anos para o presidente José Sarney. Segundo ele, já está definida a aprovação dos cinco anos pela Assembleia Nacional Constituinte e esta questão "pode até nem ser votada. Se for, vai ter mais de quatrocentos votos pelos cinco anos".

Cardoso disse também que vai liderar uma frente para modificar, no segundo turno de votação, alguns itens já aprovados pela Constituinte, principalmente no tocante à Ordem Econômica.

"Fui o único governador a pedir votos pelos cinco anos e continuo com essa posição. O presidente já abriu mão de um ano de mandato. Sou tão contrário ao mandato de seis anos quanto fui contrário ao de quatro anos", disse o governador mineiro na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), onde foi anunciar sua intenção de privatizar usinas hidrelétricas em seu estado.

Ele acha que "há um casamento perfeito entre o empresariado e o PMDB e nós queremos adaptar a Constituição ao que pensa o empresariado brasileiro".

É neste sentido que Cardoso criticou a jornada de trabalho de seis horas diárias, a licença maternidade de 120 dias e também a licença paternidade, que chamou de "cretinices

aprovadas pela Constituinte".

Da FIESP o governador mineiro seguiu para o Palácio dos Bandeirantes, onde se reuniu por mais de uma hora com o governador de São Paulo, Orestes Quércia. Quércia recebeu, ainda, os governadores de Goiás, Henrique Santillo, e do Rio Grande do Norte, Geraldo Melo.

Os assuntos de todos os encontros foram a unidade do PMDB e o plano econômico de emergência que Quércia está preparando junto a líderes empresariais e sindicais paulistas. Nenhum dos governadores explicitou, porém, como pretendem impedir novas dissidências no partido nem quais os itens do plano emergencial que o governador paulista quer apresentar ao presidente Sarney.

Para Cardoso, os oito constituintes mineiros que saíram do PMDB "fizeram um favor para mim". Orestes Quércia disse não acreditar que o senador Mário Covas saia do partido, mas "só depois que ele sair é que vou poder dizer se São Paulo ficou prejudicado".

Todos declararam estar certos de que o partido vai continuar unido. "A experiência do PMDB em superar crises internas é muito grande", disse Geraldo Melo.

A CPI da corrupção foi também discutida nas reuniões de ontem. Cardoso defendeu a "suspensão dessa Comissão, que está com muito holofote". Para ele, "é preciso acalmar os ânimos".